

UMA LEITURA DA MATERNIDADE EM “RÉPLICAS” DE FLORENCIA DEL CAMPO

Melissa Maciel Paiva¹

Florencia del Campo (Buenos Aires, 1982) é poeta, contista e romancista argentina. Editora de formação pela Universidade de Buenos Aires, a autora também estudou letras e cinema. Atualmente, vive em Madrid, onde ministra oficinas de escrita criativa, além de coordenar clubes de leitura e assinar textos críticos sobre literatura contemporânea em periódicos online.

Entre os títulos publicados pela autora, elencamos *Novela roja* (2013) e *Rupturas y riñas* (2014) – ambos lançados na Argentina –, *La huésped* (2014), *Madre mía* (2017), *La versión extranjera* (2019) e *Mis hijas ajenas* (2020) – publicados na Espanha. *Soy* (2020), romance juvenil produzido em parceria com a ilustradora argentina María Luque e *Las casas se caen en verano* (2022), livro de poemas que transita pela fotografia e artes visuais, são as suas últimas publicações autorais. Florencia del Campo também participou de antologias, foi selecionada para residência literária e recebeu prêmios de melhor romance, em 2014, com *La huésped* (Premio Equis de Novela Corta), e, em 2019, com *La versión extranjera* (Premio Internacional de Novela Ciudad de Barbastro). Até o momento, sua obra é inédita em português brasileiro.

A maternidade, a morte, os laços familiares, a doença e a vulnerabilidade do corpo, a linguagem, a escrita de si, bem como a condição de estrangeiridade estão entre os temas centrais da obra de Florencia del Campo. É interessante notar que todas essas questões permeiam de algum modo o breve conto que traduzimos para este dossiê. Em 2017, “Réplicas” foi publicado em *Veintitrés formas de tocar a una mujer*, antologia de contos editada por Taller de Clara Obligado e organizada por Camila Paz.

Com a narração em primeira pessoa, “Réplicas” expõe a experiência de desnorreamento físico e simbólico, sentida como um contínuo *jet lag*, da narradora-personagem, em decorrência da doença severa e subsequente morte de sua mãe. Ao longo da narrativa, a identidade da protagonista é construída como um prolongamento da figura materna, da “mãe-obra-de-arte”², cuja réplica, a obra que reproduz a matriz, é a própria narradora.

Em oposição à identificação materna, há a relação conflituosa e de incompatibilidade entre as duas irmãs e a narradora, que tal como essa última e a mãe, também se definem a partir de uma perspectiva aglutinadora. No interregno vivenciado pela narradora, em que a própria

¹ Graduada no Curso de Letras – Licenciatura Português e Espanhol.

² No original: “madre-obra-de-arte”. (Del Campo, 2017, n.p.). Disponível em: <https://escrituracreativa.com/novedades/florencia-del-campo-en-el-asombrario-8474/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

identidade é fraturada pela morte da mãe, tampouco existem bens e um “lar” onde poderá se refugiar, por isso considera que a sua condição de “réplica” era de fato a sua única posse. Entre as digressões que ilustram esse vínculo, há o momento em que a narradora vislumbra o porvir e atina que o seu destino será ir ao encontro de sua mãe em um local suficientemente alheio, subterrâneo e alegórico para as duas: nos pilares da Cisterna da Basílica em Istambul, onde se encontram duas Medusas invertidas, representando a criatura da mitologia grega que petrificava aqueles que a olhavam nos olhos. Novamente a imagem das *réplicas* que se retroalimentam se impõe no conto.

A maternidade é revisitada na narrativa segundo a perspectiva de uma filha, cujo nome desconhecemos, ao mergulhar nas ruínas da figura materna, povoada de analogias aquáticas. Instalada fora do país, a filha se desloca para a Argentina para ser a responsável pelos cuidados da mãe doente, e irá se defrontar bruscamente com o vazio provocado pela sua morte. Ao longo da narrativa, memórias são evocadas durante esse retorno ao país natal, em que a tônica é a comparação reiterada entre as duas mulheres: seus corpos, seios e massa corporal, assim como as roupas que vestem e são compartilhadas entre elas, e até mesmo com as águas-vivas dos tempos de veraneio. A metaficcionalidade se manifesta quando a narradora revela que irá produzir um romance e um projeto artístico a respeito da morte da mãe, tema que Florencia del Campo abordou em seu romance *Madre mía*.

Entre as lembranças revividas pela narradora há um jogo de espelhos entre as duas mulheres. Primeiro se dá quando a filha, adolescente, está experimentando uma roupa em frente ao espelho. A mãe a contempla, nostálgica, rememorando as supostas semelhanças entre as duas, contestadas até aquele momento pela filha. Em outra ocasião, após a morte da mãe, a filha, agora órfã, olha para si mesma diante do espelho, com a mesma forma do corpo e agora vestindo o sutiã da mãe morta. Nesse ponto, a narradora se dá conta da passagem do tempo, reconhecendo a transformação através de seu próprio envelhecimento.

Consideramos que a identificação compartilhada entre mãe e filha é mobilizada por meio desse laço mútuo marcado pela ambivalência, uma vez que é um vínculo simultaneamente vital e asfixiante, como uma força ao mesmo tempo geradora e destrutiva, de beleza e monstruosidade – tal como aquela representada por Medusa —: espaço matrifocal a partir do qual não há possibilidade de escape. Nessa perspectiva, a ambivalência é uma das palavras-chave para se pensar a maternidade, através da perspectiva da crítica feminista, experimentada tanto de modo individual como cultural e social, já que “[...] é algo onipresente, que se expressa a partir de sentimentos, atitudes e pensamentos contraditórios” (Vivas, 2021, p. 66)³, dimensão não raras vezes silenciada no debate público e na própria literatura.

³ Esther Vivas aborda a partir de um viés feminista essas e outras questões a respeito da maternidade em *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*, publicado no Brasil em 2021 pela editora Timo, com tradução de Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. O livro teve a sua primeira edição na Espanha em 2019.

Poderíamos localizar aí a grande dissidência materna constante no conto, uma vez que o amor entre mãe e filha está longe de poder ser simplificado ou naturalizado como um afeto fácil de ser definido. Afinal, vemos que a fratura desse laço tensiona e desloca até mesmo o próprio discurso do sujeito, como podemos perceber na voz da narradora quando encerra o conto ao enunciar “Mã, *eu sou você* [...]”⁴ (grifos nossos), manifestando na linguagem mais uma face da ambivalência, que “embrulha o si ao outro e o outro a si” (Stephan, 2022, p. 378)⁵, tornando-as indissociáveis.

Além do desafio de traduzir para o português brasileiro um texto com muitas possibilidades de leitura, no exercício tradutório do delicado conto de Florencia del Campo, encontramos algumas questões que chamaram a nossa atenção. A primeira delas diz respeito ao termo *teta*, que, apesar de existir em português brasileiro, não compartilha a mesma carga semântica do homônimo em castelhano. No espanhol, o termo *teta* é de uso corrente e pode ser localizado em expressões cotidianas como *dar la teta*, isto é, *dar de mamar* ou *amamentar*, e *quitar la teta*, no sentido de *tirar o peito* ou *parar de amamentar* em português. Observando os usos, consideramos que o uso de *teta* em português se distancia do sentido presente no conto e pode soar até mesmo ofensivo, uma vez que se associa ao úbere animal, como vemos na definição do dicionário Aulete: “glândula mamal, mama; úbere: Teta de vaca; teta de cabra”⁶. Por essa razão, optamos pela palavra *seio*, de uso amplamente disseminado no português.

Ainda na mesma questão, deparamo-nos com a comparação dos seios com *pomelos* (*Citrus x paradisi*) verdes, fruta cítrica muito comum em território argentino, mas que no contexto brasileiro poderia gerar algum ruído ou estranhamento. Dessa forma, na tradução, decidimos nos aproximar de uma fruta mais familiar ao nosso meio: o *melão*. Nas oficinas de tradução de contos, a princípio havíamos discutido e pensado em utilizar *pêssego* e até mesmo *laranja*, mas em termos de tamanho, essas frutas são consideravelmente menores do que um pomelo, de modo que decidimos utilizar *melão*.

Assim como outros contos que revisitam a maternidade, o campo semântico que remete à água, aqui falamos mais especificamente do mar e da praia, também se faz presente na narrativa que traduzimos. Ao mencionar os olhos fechados da mãe, a narradora faz a comparação com *almejas*, palavra que em português pode ser traduzida livremente por *amêijoas*. No entanto, assim como *pomelo*, a palavra *amêijoas* pode provocar alguma estranheza ao leitor brasileiro, já que é mais comum na variante europeia do nosso idioma, de modo que optamos pelo uso de *mariscos*.

⁴ No original: “Ma, *soy vos* [...]” (Del Campo, 2017, n.p.). Disponível em: <https://escrituracreativa.com/novedades/florencia-del-campo-en-el-asombrario-8474/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

⁵ A reflexão sobre a ambivalência pode ser encontrada de forma mais extensa em *Amor pelo avesso*: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos, por Cassiana Stephan, publicado em 2022 pela Kotter Editorial.

⁶ Disponível em: <https://aulete.com.br/teta>. Acesso em: 05 fev. 2023.

Por fim, outra questão interessante diz respeito às águas-vivas, animais marítimos presentes desde o começo da narrativa. Em dado momento do conto, a narradora está relembrando as suas férias de verão com a mãe e as irmãs, e observa que as águas-vivas estão mortas na areia da praia. Nessa situação, a mãe lhes diz que as águas-vivas já não podem “picá-las”. Realmente, considera-se adequada a referência às picadas (ou micropicadas) desses animais, no entanto, nos discursos informais em português brasileiro, localizamos a recorrência de que “águas-vivas *queimam*”, ainda que seja considerado inadequado do ponto de vista científico⁷. Assim, para manter a familiaridade discursiva da fala coloquial em português brasileiro, optamos por utilizar o verbo *queimar*, como pode ser localizado em: “Minha mãe disse que quando estavam mortas já não *queimavam*, mas mesmo assim proibiu que pisássemos nelas” (grifos nossos).

Uma vez tecidas as considerações sobre o argumento do texto e da experiência de tradução, chegou o momento da sua leitura de “Réplicas”. Acreditamos que você terá a oportunidade de apreciar uma expressão da escrita da argentina Florencia del Campo, até então inédita em língua portuguesa. Esperamos que essa narrativa suscite reflexões e, melhor ainda, questionamentos e inquietações a respeito do que é maternidade, da perda da figura materna e seus desdobramentos, bem como outras dimensões não exploradas neste espaço. Vamos lá?

RÉPLICAS

Cuando entré en la habitación, tenía cuerpo de aguaviva. El vientre inflado, las mejillas como si conservara todavía los bocados que, con trampa, escondía tras las muelas en su infancia. Me lo contó una vez, una noche de verano en la que el patio olía a jazmín. Que cuando la abuela estaba de espaldas, ella se quitaba la comida de la boca y se la metía en los bolsillos. Luego la abuela le decía: “Muy bien, niña, hoy comiste muy bien, ¡a jugar!”. Mi madre flaca era una niña pequeña. En cambio yo nunca le hice trampa con eso. Cuando murió, pesaba lo mismo que yo ahora: cuarenta y cinco kilos. Como si nuestros cuerpos estuvieran condenados a llegar a un mismo destino a pesar de puntos de partida tan dispares. Nuestros cuerpos; no quiero que todo quede explicado por la genética. En el consultorio de su médico, una tarde de julio, años antes de que la operaran, se quitó el sujetador y le vi las tetas redondas. Dos pomelos inmaduros. No es tan sencillo mirar las tetas de la madre enferma. Idénticas a las mías. Pero no es genética, es percepción. Cuando ella todavía estaba viva, solo había percibido la réplica en las tetas. Ahora es verano y hay jazmines en el patio. Pero vayamos por partes. Cuarenta y cinco kilos. Finalmente lo comprendo.

Vacío su habitación para poder poner la casa en venta. Mis hermanas se ocupan de otros ambientes, están entretenidas repartiéndose de manera justa los cubiertos. Yo, como vivo en el extranjero y no tengo territorio, menos tengo dónde guardar una cuchara. Les digo que no quiero nada pero no acaba de ser del todo cierto. En cualquier caso, ellas no me contestan

⁷ Há mais detalhes na matéria *Por que as águas-vivas “queimam”?*. Disponível em: <https://www.bioicos.org.br/post/2019/02/27/por-que-as-aguas-vivas-queimam>. Acesso em: 06 fev. 2023.

y siguen repartiendo entre dos, como venían haciendo, sin necesitar de mi palabra. Vacío su habitación cuando ya está vacía: la ambulancia retiró el cuerpo una madrugada. Después de eso dejé pasar cuarenta y ocho horas para la limpieza. Ahora tiro radiografías aunque fantaseo con utilizarlas como material para un collage. Nunca concreto ningún proyecto plástico. Meto su ropa en bolsas para donar. Me quedo con sus botas favoritas y con los sujetadores, que son mi talla. Mi madre me decía que tenía lindas rodillas. Que yo las tenía. Pero la ambigüedad no es solo sintáctica. Réplicas. Guardo su historia clínica para escribir una novela cuando pueda decir algo. Y encuentro una caja con álbumes de fotos. Las paso una por una hacia arriba, son apaisadas. Es entonces cuando la veo con el pelo oscuro y lacio, la frente despejada. Y lo comprendo: como un tercer ojo que llorara, por su nariz desciende un brillo. Es eso, como el filo de una navaja. Me miro al espejo.

Mi madre solía observarme y decirme: “Qué parecida que sos a mí cuando era joven...”. Yo no veía el parecido. Entendía su nostalgia. Ella sonreía mientras me lo decía. Hasta se acariciaba el pelo echándolo hacia atrás si hacía falta. Y yo, tan fresca, me seguía acomodando la pollera frente al espejo de su habitación y le preguntaba qué opinaba. “Hermosa”. Ay no, mamá, me queda como el culo, y mirá qué hora es, dios, ahora qué hago. Ella frente a mí, yo frente al espejo: réplicas. Ahora qué hago. Ahora me miro y nadie me mira. Ahora que me miro lo comprendo: estoy muy vieja. Soy huérfana. No tengo ni cucharas.

Entra una hermana a la habitación y me dice que la ropa hay que donarla. Que es imposible ponerse algo de mamá. Le doy la razón. Insiste, quiere expresarse: “Me sentiría como disfrazada de ella”. Me molesta su comentario, siento que me arrebatara la propiedad de la réplica. Mi única propiedad. La casa se está poniendo en venta. Los cubiertos, divididos entre dos. Cuando se va, me quito la camiseta y me miro las tetas cubiertas por un sujetador de mi madre. Me siento fría como el cristal de un espejo.

Llegué hace tres días del extranjero, que es lo que intento que sea mi casa. Cuando abrí la puerta de su habitación, con el cuerpo flotando en un jet lag y la cabeza esponjosa, encontré a mi madre surfando en el colchón de una cama ortopédica que la obra social le proveyó. Una medusa. Sus manos como pulpos incompletos. Un vientre inmenso, de ballena. Mi madre flaca. A cuarenta y cinco kilos de morirme yo también digo esto: era mi madre flaca. La que ahí estaba. Boca arriba. En una habitación inundada. Los ojos como almejas. Mi cabeza, arena mojada. “Mamá, soy yo, ya llegué, despertate”, le dije. Almejas cerradas. Flotando en un jet lag. ¿Qué pasó con el tiempo? ¿A qué hora de qué día se habría muerto para mí si yo nunca hubiera volado? ¿Qué pasó con el cuerpo?

Pasábamos algunas vacaciones en Las Toninas. Es un lugar recóndito de esta tierra que a nadie puede importar. Ahora que vivo en el extranjero y no tengo cucharas, puedo comprender que la lejanía de los cubiertos es también aquella que sucede en el espacio que hay entre el primer cajón de la cocina y la mesa del comedor. Ser extranjera es ser una hormiga

herida en una pata. En esas playas veraneábamos. Éramos mis hermanas, mi madre y yo. Cuatro mujeres organizadas en dos pares. Réplicas. Réplicas. ¿Por qué de entre todas las que fuimos, me tocó a mí ser como vos? La arena era gruesa, el mar siempre estaba oscuro. Y en la orilla, un cementerio de aguavivas muertas. Aprendí la paradoja de las cosas veraneando. Mi madre nos dijo que muertas ya no picaban, pero de todos modos nos prohibió pisarlas. Otros niños de la playa las destruían con palas y rastrillos de plástico. Desde una distancia de hormiga, recuerdo esa playa como un planeta desierto con islas transparentes y movedizas. Sin niños, sin invasión, sin vida humana. Si me acerco agigantada por la imaginación, veo solo seis aguavivas organizadas en dos triángulos: en el primero, dos para los ojos de mi madre y la otra para su boca. En el triángulo de abajo: sus pechos y su ombligo. Luego pondría una navaja en el primer triángulo desde un punto medio entre dos de las bolsas hacia la tercera, a modo de nariz, el filo. Por fin un collage. Por fin concretando algo de lo plástico. Miro mi obra, me miro: réplicas. Soy igual a mi madre-obra-de-arte y al mismo tiempo asumo que yo soy obra suya. Copias. Réplica mutua. Nunca nos picó ninguna. Mis hermanas y yo éramos excelentes nadadoras y podíamos esquivar cualquier cosa. Además, no nos interesaban los bichos muertos aunque tampoco demasiado los vivos.

Acabo de vaciar la habitación de mi madre. Quedan los muebles, entre ellos, una cama que ni siquiera es nuestra. Llegué hace tres días. Hace cinco, por teléfono, alguna me había dicho: “Te está esperando”. Ninguna me dijo que estaba inflada. La otra hermana insinuó que si no me apuraba no llegaba a verla viva. Aguaviva. Sí que la vi. Me estaba esperando a la orilla del mar. Yo era la niña que no fui acercándose con pala y rastrillo para destrozarla. No fui pero vine. No utilicé palas y rastrillos sino jeringas sin aguja. No la destrocé, lo que hice fue matarla.

Entré a su habitación hace tres días y su cuerpo aún estaba vivo. Cuarenta y cinco kilos inflados, ¿en cuánto queda? “Hola, ma, soy yo, ya llegué, despertate”. Mi madre no abrió los ojos. Respiraba tan poco que parecía hacerlo por un agujerito, como el que deja una almeja ya escondida en la arena mojada. Entró una de mis hermanas y me dijo: “Ya no habla, hace más de quince días que no dice nada”. Horas más tarde la otra agregó: “Está inconsciente. Ni habla ni abre los ojos. Hace más de quince días que no mira nada”. Soy yo. Ya llegué. Despertate. Cómo se puede ser tan ridícula. Que no mira nada. Mamá, ¿me queda bien esta pollera? Hermosa. Ridícula. Despertate. La primera de las hermanas me dijo: “Dejá las valijas, ponete cómoda». Creo que la segunda quería agregar: «Sentite como en tu casa”. Yo estuve a punto de preguntar si podía tomar algo. Dejé las valijas, me puse cómoda, tomé un vaso de agua en la casa de mi madre, el patio sembrado de jazmines, podada la infancia. La casa de mi madre. Cómo se puede ser tan extranjera, tan... “Yo me tengo que ir a mi casa, hace noches que no duermo allá. ¿Te ocupás vos de ella hoy? A eso viniste, ¿no?” Tan hormiga. Respondí afirmando. “Bueno, perfecto, entonces yo también me voy”, dijo la segunda. “Vení que te mostramos los medicamentos que le tenés que dar”, dijeron. Fuimos a la habitación de mamá. Había cuerpo. Era como una playa.

Tan infancia. “Este a las diez. 0,5 mm en esta jeringa. Sabés como cargarla, ¿no? Tirás para arriba y se llena, y después, dentro de su boca, apretás para abajo”. Asentí. “Bueno, y este otro y este y este a las once, o sea, una hora después”, dijo la segunda. Se despidieron. Quedamos mamá y yo y el espejo de cuerpo entero de su habitación, el mismo en el que me miraba antes de ir a bailar y le preguntaba: “Mamá, de verdad, ¿me queda bien?, ¿no parezco un tanque con esta pollera tan apretada?”. Hermosa. Y se echaba el pelo para atrás y ahora sí que recuerdo el brillo. No está solo en la foto. Ahora en mi cabeza esponja también brilla su nariz navaja. Y la frente despejada, y el pelo lacio: réplicas.

A las diez de la noche de hace tres días, le di a mi madre un remedio analgésico, ¿quizá algo como morfina? Una hora más tarde cargué tres veces una jeringa de plástico sin aguja para introducirle tres veces líquidos espesos en una garganta silenciada. No sé lo que pasó. A cuarenta y cinco kilos de distancia de ella, que ya es cenizas, puedo decir que no sé más nada. No recuerdo si primero llamé a la ambulancia o a mis hermanas, ni a cuál de las dos. “¿Pero qué pasó?”, me gritaban, juntas. Eran una sola esa noche. “Se ahogó”. Era todo tan playa... El médico que vino en la ambulancia me dijo: “Probablemente se ahogó. En cualquier caso la causa técnica es un paro cardiorrespiratorio”. Mi aguaviva ahogada. Mis hermanas idénticas, una sola, me dijeron: “La mataste”. Aguaviva muerta, qué dicen, si yo solo vine a cuidarla. La paradoja aprendida en la infancia, a un jet lag de distancia de mi hormiguero, a cuarenta y cinco kilos de nada. Le pedí al médico que no me encubriera. ¿O era cierto que la causa técnica era un paro cardiorrespiratorio? “Imbécil, la mataste”, dijo mi hermana compactada. Quise acostarme un rato con ella, en la cama ortopédica, en el colchón de agua, quería meterme por su boca como Pinocho, quería cualquier cosa, quería a mi madre, pero no me dejaron. “Nos llevamos ya el cuerpo. Tenemos mucho trabajo”. Me echaron de la habitación para envolverla como pescado fresco del día. Cuando volví a entrar estaba sin su cuerpo. Y yo frente al espejo. Réplicas. Solo una. Compactadas.

Tres días después vació la habitación y soy capaz de guardarme su historia clínica para escribir una novela cuando se licúe mi garganta espesa. Mi hermana doble me dice que a mí no me corresponde nada por no haber estado durante su enfermedad. Pero la otra parte de ella me dice que bueno, que si quiero la ropa les da igual, que eso les sobra, nadie quiere replicarla disfrazándose de madre. Lo que pasa es que a mí ni me hace falta, la réplica está en el cuerpo desnudo, en la navaja volcada desde un tercer ojo, en los cuarenta y cinco kilos de nada. Me quedo con sus botas favoritas. Tengo las rodillas arrugadas, no me reconozco, soy extranjera de mi cuerpo, tengo la pata de una hormiga quebrada.

Regresaré en cuatro días al aeropuerto para coger mi vuelo a Madrid. Cuando llegue, sufriré un nuevo jet lag en los cuarenta y cinco kilos que me separan de la muerte. El jet lag es cuerpo, no tiempo; es importante empezar a dejar las cosas claras.

Hay dos cabezas de Medusa en la Cisterna Basílica de Estambul. Réplicas. Iré a verlas cuando pueda empezar a habitar Europa, a tener algo parecido a una casa. Como si fuera a visitar a mi madre. Ahí, estatuas de Medusa sobre el agua. Tan nosotras pero extrañas: cisterna por mar, medusa por aguaviva, piedra por carne. Sí, mamá, te lo dije varias veces esa tarde: era yo, había llegado, quería que te despertaras. Pero te lo repito ahora con palabras diferentes que replican nada: “Ma, soy vos, ya me fui, perdoname”.

RÉPLICAS

Quando entrei no quarto, tinha o corpo de água-viva. O ventre inflado, as bochechas como se ela ainda conservasse os pedaços que, trapaceando, escondia atrás dos molares na infância. Ela me contou uma vez, numa noite de verão em que o quintal cheirava a jasmim. Que quando a avó estava de costas, ela tirava a comida da boca e enfiava nos bolsos. Então, a avó lhe dizia: “É isso aí, menina, hoje você comeu muito bem, pode ir brincar!”. Minha mãe magra era uma criança pequena. Já eu nunca a enganei assim. Quando morreu, pesava o mesmo que eu peso agora: quarenta e cinco quilos. Como se os nossos corpos estivessem condenados a chegar a um mesmo destino apesar de terem pontos de partida tão díspares. Nossos corpos; não quero que tudo seja explicado pela genética. No consultório médico, numa tarde de julho, anos antes de ser operada, tirou o sutiã e eu vi os seus seios redondos. Dois melões ainda verdes. Não é tão fácil ver os seios de uma mãe doente. Idênticos aos meus. Mas não é genética, é percepção. Quando ela ainda estava viva, eu só tinha notado a réplica nos seios. Agora é verão e há jasmims no quintal. Mas uma coisa de cada vez. Quarenta e cinco quilos. Finalmente entendo.

Esvazio o quarto para poder colocar a casa à venda. Minhas irmãs cuidam dos outros ambientes, estão entretidas dividindo os talheres de maneira justa entre as duas. Eu, como moro fora do país e não tenho território, não tenho nem onde guardar uma colher. Digo a elas que não quero nada, mas isso não é totalmente verdade. Em todo caso, não me respondem e continuam dividindo entre as duas, como vinham fazendo, sem precisarem da minha palavra. Esvazio o quarto que já está vazio: a ambulância retirou o corpo numa madrugada. Depois disso, deixei que se passassem quarenta e oito horas para a limpeza. Agora jogo fora as radiografias, apesar de sonhar em utilizá-las como material para um *collage*. Nunca termino nenhum projeto plástico. Enfio as suas roupas em sacolas para doação. Fico com as suas botas preferidas e com os sutiãs, que são do meu tamanho. Minha mãe me dizia que tinha lindos joelhos. Que eu tinha. Mas a ambiguidade não é só sintática. Réplicas. Guardo a sua história clínica para escrever um romance quando eu puder dizer algo. E encontro uma caixa com álbuns de fotos. Passo uma por cima da outra, estão em formato paisagem. É aí que a vejo com o cabelo escuro e liso, a testa grande. E entendo: como um terceiro olho que estivesse chorando, desce um brilho pelo seu nariz. É isso, como o fio de uma navalha. Olho para mim no espelho.

Minha mãe costumava me observar e dizer: “Como você é parecida comigo quando eu era novinha...”. Eu não via a semelhança. Entendia a sua nostalgia. Ela sorria enquanto me dizia isso. Até mexia no cabelo, puxando-o para trás se fosse preciso. E eu, tão nova, continuava experimentando a saia na frente do espelho do seu quarto e perguntava o que ela achava. “Linda”. Ai, não, mãe, ficou uma merda, e olhe que horas são, o que eu faço agora. Agora que eu me vejo, entendo: estou muito velha. Sou órfã. Não tenho nem uma colher.

Uma das irmãs entra no quarto e me fala que as roupas têm que ser doadas. Que é impossível vestir algo da nossa mãe. Concordo com ela. E insiste, quer se expressar: “Eu iria me sentir como se estivesse me fantasiando dela”. Seu comentário me ofende, sinto que me arranca a propriedade de réplica. A minha única posse. A casa está sendo posta à venda. Os talheres, divididos em dois. Quando ela sai, tiro a camiseta e olho para os meus seios envoltos por um sutiã da minha mãe. Eu me sinto fria como o vidro de um espelho.

Faz três dias que vim de fora do país, que é onde eu tento que seja a minha casa. Quando abri a porta do quarto, com o corpo flutuando em um *jet lag* e a cabeça inchada, encontrei a minha mãe surfando no colchão de uma cama ortopédica fornecida pelo serviço de saúde. Uma medusa. Suas mãos eram como polvos incompletos. Um ventre imenso, de baleia. A minha mãe magra. A quarenta e cinco quilos da morte eu também digo isso: era a minha mãe magra. A que estava aqui. Virada para cima. Em um quarto inundado. Os olhos como mariscos. Minha cabeça, areia molhada. “Mãe, sou eu, já cheguei, lembra”, disse. Mariscos fechados. Flutuando em um *jet lag*. O que houve com o tempo? A que horas de que dia ela morreria se eu nunca tivesse voado para cá? O que aconteceu com o corpo?

Passávamos algumas férias em Las Toninas. É um lugar isolado que não desperta o interesse de ninguém. Agora que moro no exterior e não tenho nem colheres, consigo entender que o distanciamento dos talheres é também aquele que se dá no espaço que há entre a primeira gaveta da cozinha e a mesa da sala de jantar. Ser estrangeira é ser uma formiga com uma pata machucada. Nessas praias passávamos o verão. Éramos eu, minha mãe e minhas irmãs. Quatro mulheres organizadas em dois pares. Réplicas. Réplicas. Por que entre aquelas que nós fomos eu tive que ser como você? A areia era espessa, o mar sempre estava escuro. E na beira, um cemitério de águas-vivas mortas. Aprendi o paradoxo das coisas nas férias de verão. Minha mãe disse que quando estavam mortas já não queimavam, mas mesmo assim proibiu que pisássemos nelas. As outras crianças da praia esmagavam as águas-vivas com pás e rastelos de plástico. Desde uma distância de formiga, eu me lembro dessa praia como um planeta deserto com ilhas transparentes e movediças. Sem crianças, sem invasão, sem vida humana. Se usando a imaginação eu me aproximo com grandes proporções, só vejo seis águas-vivas organizadas em dois triângulos: no primeiro, duas para os olhos da minha mãe e outra para a sua boca. No triângulo abaixo: os seus peitos e o seu umbigo. Depois colocaria uma navalha no primeiro triângulo a partir de um ponto médio entre dois dos sacos em direção à terceira, como um nariz,

o gume. Finalmente um *collage*. Finalmente materializando algo plástico. Olho para a minha obra, olho para mim: réplicas. Sou como a minha mãe-obra-de-arte e ao mesmo tempo assumo que eu sou a sua obra. Cópias. Réplica mútua. Nunca nenhuma delas nos queimou. As minhas irmãs e eu éramos ótimas nadadoras e conseguíamos desviar de qualquer coisa. E também os bichos mortos não nos interessavam, e muito menos os vivos.

Termino de esvaziar o quarto da minha mãe. Ficam os móveis, entre eles, uma cama que nem sequer é nossa. Cheguei há três dias. Há cinco, por telefone, alguma delas tinha me falado: “Ela está te esperando”. Nenhuma me disse que ela estava inflada. A outra irmã insinuou que se eu não me apressasse, não chegaria a vê-la viva. Água-viva. Sim, eu a vi. Estava me esperando à beira do mar. Eu era a criança que não fui, chegando com a pá e o rastelo para destroçá-la. Não fui, mas vim. Não usei as pás e os rastelos, mas seringas sem agulha. Não destrocei, o que fiz foi matá-la.

Há três dias entrei no quarto e o seu corpo ainda estava vivo. Quarenta e cinco quilos inflados, quanto é? “Oi, mã, sou eu, já cheguei, lembra”. A minha mãe não abriu os olhos. Respirava tão pouco que parecia que era por um buraco, como aquele que o marisco já escondido deixa na areia molhada. Uma das minhas irmãs entrou e me disse: “Ela já não fala, faz mais de quinze dias que não diz nada”. Horas depois, a outra acrescentou: “Está inconsciente. Não fala e nem abre os olhos. Faz mais de quinze dias que não vê nada”. Sou eu. Já cheguei. Lembra. Como pode ser tão ridícula? Que nem vê nada. Mãe, essa saia ficou boa? Linda. Ridícula. Lembra. A primeira das irmãs me disse: “Deixe as malas, fique à vontade”. Acho que a segunda queria dizer: “Sinta-se em casa”. Quase perguntei se eu poderia tomar algo. Larguei as malas, fiquei à vontade, bebi um copo d’água na casa da minha mãe, o quintal com jasmims, a infância podada. A casa da minha mãe. Como pode ser tão estrangeira, tão... “Eu tenho que ir para a minha casa, já faz dias que não durmo lá. Você cuida dela hoje? Foi por isso que você veio, né?” Tão formiga. Respondi que sim. “Então, perfeito, eu também vou”, disse a segunda. “Vamos te mostrar os remédios que você tem que dar para ela”, disseram. Fomos ao quarto da nossa mãe. Tinha corpo. Era como uma praia. Tão infância. “Este às dez, 0,5 mm nesta seringa. Sabe como encher, né? Puxe para cima e encha, e depois, dentro da boca, aperte para baixo”. Assenti. “Bom, e este outro e este e este às onze, ou seja, uma hora depois”, disse a segunda. Despediram-se. Ficamos minha mãe e eu e o espelho de corpo inteiro do seu quarto, era o mesmo no qual eu me olhava antes de sair para dançar e lhe perguntava: “Mãe, sério, ficou bom? Não pareço um botijão com essa saia tão apertada?” Linda. E puxava o seu cabelo para trás e agora sim eu me lembro do brilho. Não está só na foto. Agora na minha cabeça inchada também brilha o seu nariz de navalha. E a testa grande, e o cabelo liso: réplicas.

Há três dias às dez da noite dei um analgésico à minha mãe, talvez algo como morfina? Uma hora depois enchi uma seringa de plástico sem agulha para introduzir por três vezes líquidos espessos em uma garganta silenciada. Não sei o que aconteceu. A uma distância de quarenta

e cinco quilos dela, que já é cinzas, posso dizer que não sei de mais nada. Não me lembro se liguei primeiro para a ambulância ou para as minhas irmãs, nem para qual das duas. “Mas o que aconteceu?”, gritavam, juntas. Nessa noite elas eram uma só. “Ela se afogou”. Era tudo tão praia... O médico que veio na ambulância me falou: “Provavelmente se afogou. Em todo caso, a causa técnica é parada cardiorrespiratória”. A minha água-viva afogada. As minhas irmãs idênticas, uma só, me disseram: “Você matou ela”. Água-viva morta, o que estão falando, se eu só vim para cuidar dela. O paradoxo aprendido na infância, a um *jet lag* de distância do meu formigueiro, a quarenta e cinco quilos do vazio. Pedi ao médico que não me acobertasse. Ou era mesmo verdade que a causa técnica era uma parada cardiorrespiratória? “Idiota, você matou ela”, disse a minha irmã compactada. Eu quis me deitar um pouco com ela, na cama ortopédica, no colchão de água, queria me enfiar pela sua boca como o Pinóquio, queria qualquer coisa, queria a minha mãe, mas não deixaram. “Já levamos o corpo. Temos muito trabalho”. Eles me tiraram do quarto para embrulhá-la como o peixe fresco do dia. Quando voltei para entrar, o quarto estava sem o corpo. E eu de frente para o espelho. Réplicas. Uma só. Compactadas.

Três dias depois, esvazio o quarto e sou capaz de guardar o prontuário médico para escrever um romance quando a minha garganta espessa se dissolver. Minha irmã dupla me disse que não tenho direito a nada porque não estive presente durante a doença da nossa mãe. Mas a sua outra parte me diz que enfim, se eu quiser ficar com as roupas tanto faz, que não tem problema, ninguém quer imitá-la nem ficar se fantasiando de mãe. Acontece que para mim não faz diferença, a réplica está no corpo despido, na navalha inclinada por um terceiro olho, nos quarenta e cinco quilos de nada. Fico com as suas botas favoritas. Tenho os joelhos enrugados, não me reconheço, sou estrangeira no meu corpo, com a pata quebrada de uma formiga.

Daqui a quatro dias volto ao aeroporto para pegar o meu voo a Madrid. Quando chegar, vou ter um novo *jet lag* nos quarenta e cinco quilos que me separam da morte. O *jet lag* é o corpo, não o tempo; é importante começar a deixar as coisas claras.

Existem duas cabeças de Medusa na Cisterna da Basílica, em Istambul. Réplicas. Irei vê-las quando eu puder começar a viver na Europa, a ter algo parecido com uma casa. Como se fosse visitar a minha mãe. Ali, estátuas da Medusa sobre a água. Tão nós mesmas, mas estranhas: cisterna no lugar de mar, medusa no lugar de água-viva, pedra no lugar de carne. Sim, mãe, eu te disse várias vezes naquela tarde: que era eu, que eu tinha chegado, que eu queria que você acordasse. Mas agora eu repito com palavras diferentes que não replicam nada: “Mã, eu sou você, já fui embora, me desculpa”.

REFERÊNCIAS

DEL CAMPO, Florencia. Réplicas. In: OBLIGADO, Clara. *Ventitrés formas de tocar a uma mujer*: antología de relatos. Madrid: DeLirios, 2017. p. 61-68.

STEPHAN, Cassiana. *Amor pelo avesso: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos*. Curitiba: Kottler Editorial, 2022.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.